

DINÂMICAS DA SUCESSÃO GERACIONAL NA PECUÁRIA FAMILIAR DO EXTREMO SUL DO BRASIL

MONICA NARDINI DA SILVA¹; **FLÁVIO SACCO DOS ANJOS²**

¹ Universidade Federal de Pelotas- moninardini@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – saccodosanjos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao projeto de tese da primeira autora, o qual tem como objeto de estudo a análise do processo sucessório geracional na pecuária familiar do sul do Rio Grande do Sul, mais especificamente no município de Jaguarão, situado na fronteira com o Uruguai.

No inicio dos anos 2000 iniciaram pesquisas referentes a um tipo de produtor que passou a ser denominado de pecuarista familiar. Este é definido como: “um tipo de agricultor familiar que tem como atividade principal a bovinocultura de corte extensiva, utiliza a mão de obra da família, tem a maior parte de sua renda oriunda da atividade agrícola e detém áreas de até 300 ha” (RIBEIRO, 2016, p. 89). Segundo WAQUIL et al. (2016), existem 60 mil estabelecimentos de pecuaristas familiares no Rio Grande do Sul, o que representa 70% do total de produtores dedicados à pecuária de corte no estado. Estudos mostraram que a bovinocultura de corte não se desenvolve apenas em grandes propriedades. Esses produtores estão presentes em todas as regiões do Rio Grande do Sul, ainda que distribuídos, predominantemente, no extremo sul gaúcho, em áreas pertencentes ao bioma Pampa.

Segundo MATTE (2013), a pecuária familiar representa, desde meados do século XVIII, a principal atividade rural da região Sul do Rio Grande do Sul. Todavia, encontra-se exposta a situações de vulnerabilidade, sendo afetada de forma intensa pela recente expansão das lavouras de soja e de árvores exóticas, o que tem gerado transformações nas dinâmicas sociais destes estabelecimentos, as quais podem comprometer o futuro de atividades visceralmente ligada à identidade cultural pampiana. Em pesquisa realizada com pecuaristas de corte nos municípios de Bagé, Dom Pedrito, Piratini e Pinheiro Machado, MATTE (2013) estudou fatores de vulnerabilidade, que, na opinião dos pecuaristas, afetam esta atividade. Esta autora constatou que, para 77% dos estabelecimentos entrevistados, a ausência de sucessores representa um aspecto de vulnerabilidade, situação que gera preocupação com relação ao futuro do estabelecimento e da própria atividade.

A sucessão geracional pode ser definida como o processo por meio do qual os filhos (as) decidem entre sair e ficar no estabelecimento rural (SPANEVELLO, 2008). Todavia, parte-se aqui da premissa de que sucessão geracional é um tema mais amplo e complexo, não compreende apenas a transmissão do patrimônio da família acumulado através das gerações, mas todo conhecimento e cultura que guiam as escolhas e garantem com que um dos sucessores reproduzirá a situação original (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2006).

Entende-se que a contribuição deste estudo está em compreender os mecanismos de sucessão desta categoria social, uma vez que há muitos elementos que se mostram relevantes e que afetam diretamente o presente e o futuro da região e do próprio bioma Pampa. A questão da sucessão na agricultura familiar, segundo MATTE, SPANEVELLO e ANDREATTA (2016), especialmente no sul do Brasil, volta-se, escassamente, para as particularidades da atividade pecuária. Nesse

contexto, o objetivo geral da tese é compreender as dinâmicas sucessórias em estabelecimentos rurais da pecuária familiar no município de Jaguarão/ Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

Inicialmente foi feito um levantamento de pesquisas e referenciais que tratam sobre os temas abordados no estudo: a pecuária familiar e a sucessão geracional. A busca foi efetuada junto ao portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), nos periódicos da SCIELO e nos bancos de teses e dissertações de Programas de Pós Graduação. Essas bibliografias servem de base à compreensão e definição teórica dos elementos que envolvem a pesquisa. Também se buscaram registros de fontes secundárias, no que tange à evolução da população rural e urbana, número de animais e número de pecuaristas do município, junto ao IBGE. Posteriormente, na próxima fase da pesquisa, serão realizadas entrevistas com pecuaristas familiares do município de Jaguarão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A definição de pecuarista familiar surgiu para garantir a essa categoria social, formada principalmente pela população rural do pampa gaúcho, o devido acesso às políticas públicas. Segundo NETTO (2009), o pecuarista familiar é um “tipo particular de pecuarista que, contra todas as evidências da economia convencional, teima em persistir existindo nos campos gaúchos” (p. 387).

O fato de a região Sul do Rio Grande do Sul, âmbito socioespacial em que se concentra a maior parte dos pecuaristas familiares do estado do Rio Grande do Sul, ser um espaço ocupado predominantemente por grandes explorações contribuiu para que, durante muito tempo, os pecuaristas familiares fossem excluídos das políticas públicas. Em relação a esse aspecto, cabe aqui uma pequena digressão.

Segundo dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2006), o Rio Grande do Sul conta com 441.472 estabelecimentos rurais, sendo que os detentores de área superior a 500 ha correspondem a menos de 2% do total. Não obstante, tais explorações concentram nada menos que 42,3% da superfície agrária. A mesma fonte indica que o universo familiar da agricultura gaúcha representa 85,7% do total de estabelecimentos. Entretanto, concentram tão somente 30,5% da superfície total.

Com o passar dos anos, algumas das grandes estâncias da região Sul, voltadas para a criação de gado, tiveram suas áreas divididas em função dos mecanismos de herança e crises econômicas. Com essa divisão surgiram os pecuaristas familiares, detentores de estabelecimentos de menor porte (SANDRINI, 2005). No entanto, a região foi predominantemente conhecida como região de latifúndios, concepção que reflete os traços de uma estrutura fundiária que, como vimos, segue ainda bastante concentrada.

Com relação à sucessão geracional no meio rural, é importante frisar, o processo de escolha do sucessor e o processo de partilha dos bens, apesar de estarem articulados, não são exatamente a mesma coisa. Assim, enquanto o processo sucessório visa assegurar a continuidade do estabelecimento rural familiar, a partilha dos bens refere-se, estritamente, à divisão do patrimônio (CARNEIRO, 2001).

Os dados do IBGE referentes aos últimos censos demográficos ilustram a crescente queda da população rural. Sabe-se que “a profissão de agricultor é, entre todas, a mais fortemente determinada por transmissão hereditária, um ‘ofício’ que passa de pai para filho” (SCHNEIDER, 1994, p. 264, aspas no original). Sendo assim, esse descenso interfere diretamente na sucessão geracional das propriedades rurais. Se antigamente a maior preocupação da sucessão geracional nas propriedades familiares era encontrar mecanismos para garantir o futuro dos filhos na atividade rural, hoje a preocupação parece ser a formulação de estratégias para garantir a continuidade do negócio familiar e da categoria social como um todo.

São diversos os mecanismos de reprodução das famílias rurais por meio da sucessão, assim como os fatores que interferem nas formas como a sucessão se desenvolve. Nesse contexto, cabe mencionar os fatores econômicos, uma vez que as condições econômicas das propriedades também devem ser consideradas nos processos sucessórios, tais como o tamanho das propriedades e o grau de inserção nos mercados (BRUMER, ANJOS, 2008). Em segundo lugar, tem-se os aspectos sociais, destacando-se o fato de que as estratégias de sucessão geralmente fazem diferenciação entre homens e mulheres (BRUMER, ANJOS, 2008). Por fim, cabe lembrar que, os fatores culturais são determinantes para a definição da forma de sucessão adotada pelas famílias rurais.

4. CONCLUSÕES

É importante ressaltar que a sucessão considera a manutenção do estabelecimento rural familiar através das gerações, o que envolve a transmissão de bens, propriedade da terra e conhecimentos, dos pais para filhos, mas também a transmissão cultural, do saber fazer, de práticas que atravessam gerações, as quais determinam as ações e escolhas. Logo, a falta de sucessores, implica, também, em perdas culturais, na preservação, ou não, de um modo ou estilo de vida.

O problema da sucessão geracional atinge todo o estado do Rio Grande do Sul e se evidencia com o passar dos anos nos números dos censos demográficos, que refletem um panorama de progressiva queda da população rural. Segundo dados do IBGE, no ano de 1970 a população rural do Rio Grande do Sul representava 44% da população total do estado. Já em 2010 esse número caiu para 15,6%. Mais especificamente com relação a Jaguarão, os dados do IBGE mostram que no ano de 1970, 25,79% da população total do município residia na zona rural. Todavia, em 2010 tal proporção chegou a escassos 6,5%.

Diante do exposto, algumas questões demandam respostas, que este projeto de tese buscará responder: como se apresentam as dinâmicas sucessórias dos pecuaristas familiares em Jaguarão? Existem ameaças concretas ao futuro da pecuária familiar de Jaguarão diante da falta de sucessores e das transformações gerais que incidem na região, a exemplo da expansão da soja sobre o bioma Pampa? Como os pecuaristas familiares avaliam a própria situação, do ponto de vista da sucessão e do futuro da atividade?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUMER, A.; ANJOS, G. dos. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. *Nera*, Presidente Prudente, ano 11, n. 12, p. 6-17, jan.-jun. 2008. Disponível em:

<http://www.mstemdados.org/sites/default/files/1396-4020-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudos feministas**. Ano 9, p. 22-55, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8602.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico** – séries históricas. População por situação do domicílio 1950-2010. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas_novoportal/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=series-historicas. Acesso em: 02 ago. 2018.

_____. **Censo Agropecuário**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguarao/pesquisa/24/76693?ano=2006>. Acesso em: 02 ago. 2018.

MATTE, A. **Vulnerabilidade, capacitações e meios de vida dos pecuaristas de corte da Campanha Meridional e Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul**. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MATTE, A., SPANEVELLO, R. M., ANDREATTA, T. Reprodução social na pecuária familiar. In: WAQUIL, P. D. et al. (org.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: editora da UFRGS, p. 265-283, 2016.

NETTO, C. G. A. M. O futuro dos campos: possibilidades econômicas de continuidade da bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul. In: PILLAR, V. De P. et al. **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade**, Brasília: MMA, p. 380-390, 2009.

RIBEIRO, C. R. O modo de vida dos pecuaristas familiares do pampa brasileiro. In: WAQUIL, P. D. et al. (org.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2016. p. 87-107.

SACCO DOS ANJOS, F.; CALDAS, N. V. Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar. In: SCHNEIDER, S. (org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2006.

SANDRINI, G. B. D. **Processo de inserção dos pecuaristas familiares do Rio Grande do Sul na cadeia da carne**. 2005. 161 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCHNEIDER, I. **Êxodo, envelhecimento populacional e estratégias de sucessão na exploração agrícola**. Indicadores Econômicos – FEE, Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística – FEE, n. 21, p.259-268, jan. 1994. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/629>. Acesso em: 13 ago. 2018.

SPANEVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

WAQUIL, P. D.; MATTE, A.; NESKE, M. Z.; BORBA, M. F. S. Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: a ressignificação de uma categoria social. In: WAQUIL, P. D. et al. (org.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2016. p. 11-16.